



Universidades Lusíada

Figueiredo, Anabela
Vila Maior, Mariana
Sousa, Sandra
Ribeiro, Esperança
Cordeiro, Leandra

Comportamentos de risco em adolescentes : estudo exploratório centrado nas diferenças entre rapazes e raparigas

<http://hdl.handle.net/11067/4791>
<https://doi.org/10.34628/sg86-tm65>

Metadados

Data de Publicação	2018
Resumo	<p>A prática de comportamentos de risco é uma problemática preponderante em adolescentes, merecendo a atenção de inúmeros estudos de investigação. Identificar a prática de comportamentos de risco em adolescentes analisando a sua especificidade e preponderância em função do sexo. Trata-se de um estudo quantitativo de natureza exploratória. Foram inquiridos, através da técnica de inquérito, na forma de questionário, 112 jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos, sendo 57 do sexo mascu...</p> <p>The practice of risk behaviour is a preeminent problem in adolescents, deserving the attention of numerous research studies. To identify the practice of risk behaviours in adolescents by analysing their specificity and preponderance according to gender. This is a quantitative study of exploratory nature. It was used a questionnaire survey, and 112 young people, aged between 15 and 21 years, 57 male and 55 female, from a professional/vocational school in the north of the country were surveyed usi...</p>
Palavras Chave	Comportamento de risco (Psicologia) na adolescência - Prevenção
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] RPCA, v. 09, n. 2 (2018)

**COMPORTAMENTOS DE RISCO EM ADOLESCENTES:
ESTUDO EXPLORATÓRIO CENTRADO NAS DIFERENÇAS
ENTRE RAPAZES E RAPARIGAS**

**RISK BEHAVIOURS IN ADOLESCENTS:
AN EXPLORATORY STUDY FOCUSING ON THE DIFFER-
ENCES BETWEEN BOYS AND GIRLS**

Anabela Figueiredo

Mariana Vila Maior

Sandra Sousa

Discente do Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, Escola Superior de Educação de Viseu (ESEV)

Esperança Ribeiro

Leandra Cordeiro

Docente no Departamento de Psicologia e Ciências da Educação da ESEV

Resumo: A prática de comportamentos de risco é uma problemática preponderante em adolescentes, merecendo a atenção de inúmeros estudos de investigação. Identificar a prática de comportamentos de risco em adolescentes analisando a sua especificidade e preponderância em função do sexo. Trata-se de um estudo quantitativo de natureza exploratória. Foram inquiridos, através da técnica de inquérito, na forma de questionário, 112 jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos, sendo 57 do sexo masculino e 55 do feminino, de uma escola profissional do norte do país. Os dados foram analisados a partir do recurso ao SPSS versão IBM 23. Verificou-se existirem diferenças significativas entre rapazes e raparigas em alguns dos comportamentos de risco evidenciados no que concerne às seguintes práticas: *i*) posse de arma; *ii*) agressão física e psicológica; *iii*) vandalismo; *iv*) roubo e *v*) consumo de tabaco, com resultados mais elevados para os rapazes; e *vi*) humor depressivo, *vii*) pensamentos suicidas e *viii*) planeamento do suicídio, com resultados mais elevados para as raparigas. Não foram encontradas diferenças significativas nas práticas relativas a *ix*) furto, *x*) consumo de drogas ilícitas, *xi*) consumo de álcool, *xii*) relações sexuais com recurso à força; *xiii*) relações sexuais sob o efeito de droga/álcool, *xiiii*) relações sexuais desprotegidas e *xv*) tentativa de suicídio. O desenvolvimento de estudos na identificação de comportamentos de risco em jovens é de extrema importância sendo que a verificação de respostas diferenciadas nesta matéria, atendendo ao tipo de prática e sua relação com o facto de estarmos perante rapazes ou raparigas, permite refletir sobre possíveis implicações no âmbito da prevenção.

Palavras-chave: Comportamentos de risco, Diferenças de sexo, Adolescentes.

Abstract: The practice of risk behaviour is a preeminent problem in adolescents, deserving the attention of numerous research studies. To identify the practice of risk behaviours in adolescents by analysing their specificity and preponderance according to gender. This is a quantitative study of exploratory nature. It was used a questionnaire survey, and 112 young people, aged between 15 and 21 years, 57 male and 55 female, from a professional/vocational school in the north of the country were surveyed using a questionnaire. The data were analysed from the feature SPSS version 23 IBM. There were significant differences between the gender variable and some of the risk behaviours evidenced in the following practices: *i*) possession of a weapon; *ii*) physical and psychological aggression; *iii*) vandalism; *iv*) robbery and *v*) smoking, with higher outcomes among boys; and *vi*) depressive mood, *vii*) suicidal thoughts and *viii*) suicide planning, with higher outcomes among girls. No significant differences were found in practices related to *ix*) theft, *x*) consumption of illicit drugs, *xi*) consumption of alcohol, *xii*) sex using force, *xiii*) sex under the influence of drugs / alcohol, *xiv*) unprotected sexual intercourse and *xv*) attempted suicide. The development of studies in the identification of risk behaviours in young people is of extreme importance and

the verification of differentiated responses in this matter, considering the type of practice and its relation to being in the presence of boys or girls, allows to reflect on possible implications for prevention.

Keywords: Risk behaviors, Gender differences, Adolescents.

Introdução

Se atendermos aos estilos de vida que põem em causa a saúde, o bem-estar e até a própria vida dos jovens, encontramos um largo conjunto de comportamentos, entre os quais “o consumo de substâncias (álcool, tabaco, drogas, medicamentos), a violência, (...), os acidentes, as desordens alimentares, a gravidez na adolescência e as doenças sexualmente transmitidas” (Simões, 2005, p.1). Na sociedade contemporânea, encontramos, pois, uma variedade de comportamentos considerados de risco, em razão das consequências que podem acarretar para o desenvolvimento integral do indivíduo e para a sociedade em geral. Assim, os comportamentos de risco referem-se às ações que comprometem o desenvolvimento saudável que o indivíduo pode alcançar, superando situações aversivas decorrentes do seu dia-a-dia (Agostini, Lyra & Tosi, 2014). Sabe-se que na adolescência, um dos fatores que se destaca dos demais é o comportamento de risco (Igra & Irwin, 1996; Jessor, 1991; WHO, 1993 cit. in Simões, 2005). Este estudo, de natureza exploratória, propõe-se a identificar alguns dos comportamentos de risco dos jovens na atualidade procurando perceber se a sua incidência está relacionada com o facto de se ser rapaz ou rapariga. Neste âmbito, salienta-se a importância da identificação destes entre adolescentes, tanto no sexo feminino quanto no masculino, na medida em que desta forma se pode contribuir para o conhecimento científico como uma forma de prevenção, com possíveis implicações na implementação de políticas públicas de saúde.

A adolescência é habitualmente entendida como um período de transição entre a infância e a idade adulta onde acontecem várias mudanças a nível físico, psicológico, social e cognitivo (Mesquita, Ribeiro, Mendonça, & Maia, 2011). As transformações experienciadas nesta fase geram comportamentos que contribuem (ou não) para um desenvolvimento saudável (Agostini et al, 2014). As tarefas desenvolvimentais impulsionadoras de uma entrada na idade adulta, como um indivíduo ajustado, exigem que o adolescente se torne independente e autónomo face aos progenitores, construindo um sentido de identidade que integre as transformações ocorridas numa unidade coerente (Mesquita et al., 2011). Existem diversas formas de um adolescente se colocar em risco, danificando ou podendo vir a prejudicar a saúde física e psíquica.

Neste contexto, há duas perspetivas dominantes: uma, que enquadra os comportamentos de risco como comportamentos exploratórios e até saudáveis, enquadrados numa trajetória desenvolvimental mais normativa. Outra, que os entende como comportamentos comprometedores da saúde e eventualmente, com consequências a longo prazo, capazes de comprometer o desenvolvimento ajustado dos jovens. No entanto, sabe-se que os comportamentos de saúde negativos, comportamentos de adição ou de alta ação são geralmente conhecidos por comportamentos de risco (Simões, 2005). Oliveira, Amâncio e Sampaio (2001) descrevem os principais comportamentos de risco como sendo abuso de substâncias tóxicas, álcool e psico-estimulantes, vivência de uma sexualidade não controlada ou com relações de risco, entre outros. Chega a ser possível que alguns destes comportamentos possam ser vistos pela sociedade como aceitáveis, já que, para muitos grupos, são formas de identificação, porém, em certas situações, há a possibilidade de serem prejudiciais à saúde e virem a trazer consequências irreversíveis (Agostini et al., 2014).

Reconhece-se que alguns jovens “são ou estão mais vulneráveis, quer devido a características individuais, quer devido a aspectos envolvimentoais, para a entrada em comportamentos de risco para a saúde” (Simões, 2005, p.4). No âmbito das características pessoais situam-se enquanto antecedentes de comportamentos de risco, nomeadamente os baixos níveis de autocontrolo e de competências sociais. Do ponto de vista contextual consideram-se entre outros, os conflitos familiares, “baixo nível de vinculação dos jovens com os pais, estilos educativos excessivamente permissivos, autoritários ou inconsistentes” e escolares (Simões, 2005, p.4). Ainda de acordo com Simões (2005, p.146), “os resultados de muitos estudos mostram que os rapazes e as raparigas diferem em termos de estatuto de saúde, comportamento de saúde, comportamentos de risco e factores de protecção”. Estas diferenças podem, por sua vez, ser compreendidas tendo por referência os processos de socialização, ainda que não possamos descurar o fator biológico. Em síntese, no âmbito dos fatores que estão por detrás dos comportamentos de risco, podemos encontrar variáveis de natureza biológica, psicológica, cognitiva e contextual. Simões (2005) condensa esta matéria ao concluir que os rapazes apresentam mais problemas de externalização (problemas de comportamento e consumos), enquanto que as raparigas apresentam mais problemas de internalização (problemas com a imagem corporal e sintomas de mal-estar psicológico).

Metodologia

Tipo de estudo e participantes

Trata-se de um estudo de natureza quantitativa e exploratória que decorreu numa escola de ensino profissional do centro norte do país. A amostra é cons-

tituída por 112 indivíduos, dos quais 55 são do género feminino e 57 do género masculino. A média das idades destes indivíduos é 17.21, com um desvio padrão de 1.226, sendo a idade mínima 15 anos e a máxima 21. 95.5% desta população é de nacionalidade portuguesa e 4.5% estrangeira. No que diz respeito às habilitações, 2.7% frequentam o 8º ano, 6.3% frequentam o 9º ano, 42% frequentam o 10º ano, 40,2% frequentam o 11ºano e 8.9% frequentam o 12º ano.

Instrumento(s)

Para o presente estudo, foram tidas em conta dezasseis variáveis dependentes a saber: a posse de arma, agressão física e psicológica, vandalismo, roubo, consumo de tabaco, humor depressivo, pensamentos suicidas, planeamento do suicídio, furto, consumo de drogas ilícitas, consumo de álcool, relações sexuais com recurso à força, relações sexuais sob o efeito de droga/álcool, relações sexuais desprotegidas e tentativa de suicídio. A operacionalização destas variáveis foi feita a partir de um inquérito por questionário construído para o efeito, tomando para o efeito bibliografia de referência no domínio. O referido instrumento inclui duas secções dizendo a primeira respeito a dados de natureza sociodemográfica e a segunda a comportamentos de risco. Esta última engloba cinco domínios respetivamente: 1. Agressividade e *bullying*; 2. Vandalismo e furto e roubo; 3. Consumo de substâncias aditivas; 4. Envolvimento em práticas sexuais de risco e, finalmente, 5. Humor depressivo e ideação suicida. As questões em cada domínio apontam para itens de resposta sim e não, solicitando-se, em caso afirmativo, uma quantificação da referida prática. No total da secção o questionário inclui vinte e nove itens (domínios 1 e 2. quatro itens; domínios 3 e 5. seis itens e domínio 5. nove itens).

Procedimento

O questionário foi aplicado em contexto de sala de aula, com a presença de algumas das investigadoras e da psicóloga da escola, tendo os inquiridos dado o seu consentimento informado. O instrumento foi previamente testado, em fase de pré-teste o que motivou algumas alterações para a fase de teste. Neste sentido, a resposta às questões permitiu saber que tipo de comportamentos de risco são adotados pelos inquiridos, possibilitando estabelecer uma relação entre estes e a variável independente – o sexo. Os dados obtidos através do preenchimento do instrumento de inquérito foram posteriormente analisados a partir do *software* de análise estatística *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 23 (estatística descritiva e inferencial).

Resultados

Com os resultados dos testes de normalidade e homocedasticidade conclui-se que não estavam cumpridos os critérios para a utilização das técnicas paramétricas, sendo que foi utilizado o teste *Mann-Whitney* (tabela 1). De acordo com o mesmo, concluiu-se que existem diferenças significativas na prática do comportamento de risco em função do género, tais como; a Posse de arma ($U=1111.000$, $p=.001$), Agressão física e/ou psicológica ($U=1055.500$, $p=.001$), Vandalismo ($U=1119.500$, $p=.004$), Roubo ($U=1430.000$, $p=.025$), Consumo de tabaco ($U=1257.500$, $p=.037$), Humor depressivo ($U=1224.000$, $p=.017$), Pensar em suicídio ($U=1055.000$, $p=.000$) e Planear o suicídio ($U=1302.000$, $p=.036$).

Tabela 1. Resultados do Teste de Mann-Whitney

Variáveis dependentes	N	U	P
Posse de arma	112	1111.000	.001
Agressão física e/ou psicológica	111	1055.500	.001
Vandalismo	112	1190.500	.004
Roubo	112	1430.000	.025
Consumo de tabaco	112	1257.500	.037
Humor depressivo	112	1224.000	.017
Pensar em suicídio	111	1055.000	.000
Planear o suicídio	111	1302.000	.036

Conforme se pode verificar, na tabela 2, relativamente à Posse de arma, de uma amostra de 112 respostas obtidas, 49.1 % dos rapazes confirmou a questão, tendo ainda 69.6%, revelado que já praticaram agressão física e/ou psicológica e 38,6% confirmado, por sua vez, que já praticaram atos de vandalismo. Estes números são superiores aos das raparigas evidenciando, de alguma forma, comportamentos de maior exuberância e risco relativamente ao sexo feminino. No caso do vandalismo importa salientar que em ambos os sexos, as respostas afirmativas face a este comportamento se situam abaixo dos 50% do total da amostra, o que revela na maior parte dos casos os alunos indiciam a ausência de atos desta natureza. Analisando os dados relativos à prática de roubo é possível observar a diferença significativa entre os sexos, pois de todos os alunos da amostra nenhuma das 55 raparigas respondeu afirmativamente a esta variável (0%), sendo que 8.8% dos rapazes responderam afirmativamente à mesma. Ainda assim, apesar de existir respostas positivas face à prática de roubo, é de salientar que a percentagem é mínima, e que dos 57 sujeitos, 91.2 % respondem “Não” à questão.

Os dados obtidos correspondentes à variável designada de Consumo de tabaco demonstram mais uma vez que o sexo masculino se evidencia.

Tabela 2. *Comportamentos de risco e diferenças entre o sexo*

Sexo	Comportamento de risco	%
Posse de arma		
Feminino	55	20.0
Masculino	57	49.1
Agressão física e/ ou psicológica		
Feminino	55	38.2
Masculino (1 valor omissso)	56	69.6
Prática de vandalismo		
Feminino	55	14.5
Masculino	57	38.6
Prática de roubo		
Feminino	55	0
Masculino	57	8.8
Consumo de tabaco		
Feminino	55	36.4
Masculino	57	56.1

Analisando a tabela 3, a leitura das diferenças significativas obtidas inverte-se, sendo a grande maioria das respostas representadas pelo sexo feminino. No caso do humor depressivo 74,5% das raparigas apresentam respostas positivas. Ainda que com uma percentagem menor (mas a representar mais de metade das respostas: 52.6%), o sexo masculino afirma igualmente sentir ou já ter sentido humor depressivo. Na variável relativa ao pensamento suicida, é o sexo feminino (com 46.3%) que volta a representar maior percentagem de respostas afirmativas comparativamente ao sexo masculino. É possível ainda salientar, que em ambos os sexos, a percentagem dos alunos que afirmam nunca terem pensado no seu suicídio é superior aqueles que pensam ou já pensaram no mesmo. Porém, no sexo feminino a percentagem apresentada está mais perto da maioria das respostas do que no masculino, que apenas representa 15.8% das mesmas.

Tabela 3. *Comportamentos de risco e diferenças entre o sexo*

Sexo	Comportamento de risco	%
Humor depressivo		
Feminino	55	74.5
Masculino	57	52.6
Pensar em suicídio		
Feminino (1 valor omissão)	54	46.3
Masculino	57	15.8
Planejar um suicídio		
Feminino (1 valor omissão)	54	25.9
Masculino	57	10.5

Continuando a mesma leitura, são as raparigas (com 25.9%) que assumem pensarem na planificação do suicídio. Nesta variável, comparativamente à anterior, as respostas positivas são menores o que releva que os adolescentes e jovens mais facilmente pensam no suicídio do que o planeiam. Foi igualmente possível obter uma avaliação qualitativa a partir das respostas escritas pelos inquiridos à questão “Alguma vez pensaste em te magoares intencionalmente ou em te suicidares? Se sim, de que forma?”. Os treze elementos da amostra apresentaram exemplos (“cortava-me com xizato”, “corto os pulsos”), a ingestão de comprimidos, (asfixia “utilizava cordas”, “pensava em afogar-me”), ou queda elevada (“pensei em atirar-me de um sitio muito alto”, “Atirar-me de uma ponte”) e identificaram possíveis causas para os pensamentos suicidas designadamente, a violência no namoro (“devido ao facto de ter tido um namoro violento durante três anos”) ou do isolamento social e/ou baixa autoestima (“os pensamentos suicidas acabaram quando as pessoas se começaram a importar comigo”).

A partir da análise dos dados obtidos e acima apresentados é possível apurar que das quinze variáveis estudadas apenas oito demonstraram diferenças significativas entre o sexo feminino e o masculino. Em suma, nas variáveis de *i*) posse de arma; *ii*) agressão física e psicológica; *iii*) vandalismo; *iv*) roubo e *v*) consumo de tabaco, foram os alunos que representaram os maiores valores percentuais demonstrando que nestes comportamentos de risco é o sexo masculino quem mais os pratica. Nas restantes variáveis, tais como o *vi*) humor depressivo, *vii*) pensamentos suicidas e *viii*) planeamento do suicídio, são as alunas que representam os maiores valores. Nas presentes variáveis, existem diferenças significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino no que concerne à prática de

comportamentos de risco. É pertinente observar que o valor percentual das respostas positivas às questões (tabela 3) vai diminuindo gradualmente conforme a gravidade da prática de risco. Salienta-se ainda que no caso da variável “Humor depressivo” tanto no sexo feminino como no masculino, as repostas afirmativas são elevadas, porém no “Pensamento suicida” ocorre grande diferença de valores entre o sexo feminino e masculino, registrando as raparigas valores mais elevados no respeitante a uma possível idealização do comportamento.

Não foram encontradas diferenças significativas nas práticas relativas a *ix*) furto, *x*) consumo de drogas ilícitas, *xi*) consumo de álcool, *xi*) relações sexuais com recurso à força; *xii*) relações sexuais sob o efeito de droga/álcool, *xiii*) relações sexuais desprotegidas e *xiv*) tentativa de suicídio.

Conclusões

A fase da adolescência corresponde a um período de desenvolvimento do jovem que abre múltiplas oportunidades de exploração e investimento em áreas e domínios diversificados, resultantes das novas possibilidades do ponto de vista cognitivo e socioafetivo. Estas novas competências e eventualidades permitem que os adolescentes se confrontem com um vasto leque de experiências que optam por vivenciar, ou recusar, de acordo com a sua maturação, experiência de vida, supervisão parental, entre outros fatores. Em alguns casos estas mesmas experiências orientam para a prática de comportamentos de risco que podem constituir-se como obstáculos a um desenvolvimento harmonioso e saudável. Não obstante a investigação estabelecer pontes e ligações a este nível, qualquer análise dissociada de uma abordagem holística e contextual dos fatores endógenos e exógenos do adolescente fica invariavelmente muito enfraquecida. Esta discussão vai muito além do identificar comportamentos problema, mas sim entendê-los em trajetórias desenvolvimentais importantes e com significância. A análise realizada confirma a evidência ao encontrar diferenças significativas entre rapazes e raparigas relativamente a alguns dos comportamentos de risco no que concerne às seguintes práticas: *i*) posse de arma; *ii*) agressão física e psicológica; *iii*) vandalismo; *iv*) roubo e *v*) consumo de tabaco, com resultados mais elevados para os rapazes; e *vi*) humor depressivo, *vii*) pensamentos suicidas e *viii*) planeamento do suicídio, com resultados mais elevados para as raparigas. Estes dados vão ao encontro daquilo que Matos, Simões e Canha (1999), sintetizaram como sendo o *perfil comportamental de saúde* das raparigas e rapazes adolescentes quando se referiram aos rapazes como “mais virados para o mundo” e as raparigas como “mais voltadas para elas próprias”. O desenvolvimento de investigação orientada para a identificação de comportamentos de risco em jovens é de extrema importância sendo que a verificação de respostas diferenciadas nesta

matéria, atendendo ao tipo de prática, permite refletir sobre possíveis implicações no âmbito das estratégias de prevenção primária. Neste contexto, salienta-se a importância do estudo e a necessidade de investigação mais abrangente analisando a relação com outras variáveis, designadamente a autoestima, ambiente familiar ou maturidade emocional dos adolescentes e jovens.

Referências

- Agostini, A., Lyra, L., & Tosi, P. (2014). Comportamentos de risco entre adolescentes. *Unoesc & Ciência-ACHS*, 5(1), 53-62.
- Matos, M., Simões, C., & Canha, L. (1999). Saúde e estilos de vida em jovens portugueses em idade escolar. In L. Sardinha, M. Matos & I. Loureiro (Eds.), *Promoção da saúde: Modelos e práticas de intervenção nos âmbitos da actividade física, nutrição e tabagismo* (pp. 217-240). Lisboa: Edições FMH.
- Marôco, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (5a). Pêro Pinheiro: Report Number.
- Mesquita, C., Ribeiro, F., Mendonça, L., & Maia, Â. (2011). *Relações familiares, humor deprimido e comportamentos autodestrutivos em adolescentes*. Obtido de <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/115>
- Oliveira, A., Amâncio, L., & Sampaio, D. (2001). Arriscar morrer para sobreviver-olhar sobre o suicídio adolescente. *Análise Psicológica*, 4 (XIX), 509-521.
- Simões, C. (2005). *Comportamentos de risco na adolescência*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.